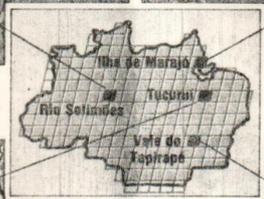




O Rio Solimões em azul: charcos nas manchas negras



Culturas de subsistência em Marajó: beleza plástica



O Landsat detalha em rosa a colonização ao redor de Tucuruí (azul-escuro)



Na sul do Pará, sinais de deserto: glebas (rosa) vencem o verde

FOTOS ENVIADAS PELO LANDSAT AG INPE

onde se concentram os desmatamentos na floresta, onde se situam os recursos minerais, além de avaliar o movimento de massas de ar e a temperatura do oceano. O Inpe possui hoje o maior acervo do mundo em imagens da Amazônia. São cerca de 256 000 registros, uma sólida base de estudos utilizada por 25 laboratórios estrangeiros e nacionais.

CONCLUSÕES OTIMISTAS — Graças às imagens colhidas pelo satélite, é possível observar, por exemplo, como a Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no Pará, provocou um enorme impacto no meio ambiente da região. A imagem registrada pelo Landsat em 1979, quando ainda não havia se formado o lago da Usina, revela uma floresta quase intocada, onde o verde é riscado apenas pelo Rio Tocantins. Dez anos mais tarde, o ecossistema se transformou radicalmente. Em torno da hidrelétrica formaram-se milhares de assentamentos de colonos. O acervo copioso de imagens e informações sobre a Floresta Amazônica de que dispõe o Inpe leva a uma pergunta obrigatória: por que o instituto se envolveu na polêmica sobre as reais dimensões dos desmatamentos na Amazônia?

Há um ano, quando a pressão dos ecologistas e dos governos dos países desenvolvidos sobre o Brasil chegava a seu ponto mais agudo, o governo federal encomendou ao Inpe um estudo sobre o tamanho da destruição da floresta. Esse trabalho chegou a conclusões exageradamente otimistas. Sustentou que apenas 5% do território da Amazônia havia sido desmatado. Mais tarde, o Inpe acabou admitindo que seu levantamento tinha vícios. O Banco Mundial calcula que 12% da Amazônia foi desmatado, sobretudo nos últimos dez anos. De posse de uma coleção privilegiada de informações, como as fotografias dos satélites, o Inpe deveria ter buscado conclusões mais fidedignas e científicas. Na verdade, a polêmica em que se envolveu o instituto não chega a ter importância capital no debate sobre o futuro da Amazônia. Seja qual foi o tamanho da área desmatada, o problema é que a destruição da floresta se fez em nome de uma

colonização inepta, cuja fórmula não deve ser mais repetida na Amazônia. Sem assistência técnica agrícola, os colonos instalados na região se limitam a plantar culturas de subsistência, perpetuando a miséria na Amazônia.

AMBIENTE

O rosto da floresta

Um livro com 48 fotografias colhidas pelo satélite Landsat 5 mostra as imagens da exploração da Amazônia pelo homem

São raras as pessoas que nunca viram uma foto da Amazônia feita por satélite. São mais raras ainda as pessoas que viram tantas fotos de satélite da Amazônia quanto a jornalista Liana John, 32 anos. Durante seis meses, ela manipulou 283 fotos no Instituto de Pesquisas Espaciais, Inpe, em São José dos Campos, que desde 1973 coleciona imagens enviadas por gerações do satélite americano Landsat. Das imagens com que teve contato, Liana selecionou 48, que colocou no livro *Amazônia, Olhos de Satélite*, que será lançado no fim deste mês no Ministério das Relações Exteriores, em Brasília. Com o patrocínio do Banco Real, o livro mostra como as imagens dos satélites são úteis para o planeja-

mento e a fiscalização dos quase 5 milhões de quilômetros quadrados da Amazônia. "Os registros dos satélites são as ferramentas mais precisas e baratas para o desenvolvimento pleno da região", diz Liana John.

O livro tem 143 páginas e é ilustrado com 48 fotografias coloridas, enviadas pelo Landsat 5. O satélite americano cruza o Brasil de norte a sul a cada dezesseis dias, a uma distância de 710 quilômetros da Terra. Ele divide o território brasileiro em áreas de 33 000 quilômetros quadrados. Cada um desses pedaços do Brasil é registrado numa fotografia que revela

